

PERCEPÇÕES DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS E DE HERCULE FLORENCE SOBRE OS HABITANTES DE MATO GROSSO

CLAUDE LÉVI- STRAUSS AND HERCULE FLORENCE'S PERCEPTIONS ABOUT THE INHABITANTS OF MATO GROSSO

**Déborah Pimenta Martins (UFMT)¹
Renilson Rosa Ribeiro (UFMT).²**

¹ Licenciada em Letras – Francês, com mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso. Atualmente realiza o curso de doutorado em Estudos da Linguagem, na área de Estudos Literários no Programa PPGEL (UFMT), sob a orientação do professor doutor Renilson Rosa Ribeiro. Bolsista Capes. E-mail: portuguescompimenta@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3767-1372>

² Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio pós-doutoral em Educação pela Universidade de São Paulo (Usp). É professor associado IV do Departamento de Ciências Sociais, vinculado ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mails: renilson.ribeiro@ufmt.br e rrrenilson@yahoo.com. <https://orcid.org/0000-0002-2809-1376>

Resumo: O presente artigo retrata a ótica dos viajantes pelo novo mundo, Claude Lévi-Strauss e Hercule Florence, dois europeus passantes por Mato Grosso que vivenciam situações similares ao encontrarem com os indígenas e transitarem pela cidade de Cuiabá. Logo, eles observam os costumes da região, registram e lançam seus olhares detalhando cada situação, episódio, espaço, formato físico, gosto e impressão. Com a finalidade de construir no imaginário daqueles a quem destinava seus relatos, para Hercule Florence o império Russo, e para Lévi-Strauss o mundo europeu, a ideia mais próxima do que se encontraria no “pitoresco” e “desconhecido” interior do Brasil.

Palavras-chave: Lévi-Strauss, Florence, viajantes, Mato Grosso, percepções.

Abstract: Travelers through the new world, Claude Lévi-Strauss and Hercule Florence, two Europeans passing through Mato Grosso who experienced similar situations, meet the indigenous people, travel through the city of Cuiabá, observe the customs of the region, record and cast their views detailing each situation, episode, space, physical format, taste, impression, in order to construct in the imagination of those to whom he intended his reports (Russian Empire, in the case of Hercule Florence, and the European world, in the case of Lévi-Strauss) the closest idea of what found in the “picturesque” and “unknown” interior of Brazil.

Keywords: Lévi-Strauss, Florence, travelers, Mato Grosso, perception.

Neste artigo, a partir de leitura da obra *Tristes Trópicos*, do relato *Viagem Fluvial do Tietê à Amazônia- 1825 a 1829* e do manuscrito *L'Ami des Arts livré à lui-même*, apresentaremos as percepções sobre os habitantes de Mato Grosso, mais especificamente na cidade de Cuiabá e proximidades, de dois viajantes franceses: Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Hercule Florence (1804-1879). Nesse sentido, investiremos na análise dos textos mencionados a fim de ampliar e criar deslocamentos de sentidos, possibilitando a compreensão sobre os fatos narrados pelas respectivas autorias.

As escritas entrelaçam-se como se ambos os viajantes tivessem vivenciado situações parecidas em lugares de Mato Grosso, de forma que encontrar a diversidade no olhar de cada um contribuirá para outra maneira de compreender a literatura sobre a região. Todavia, antes de relacionar as percepções escreveremos um pouco sobre quem são os dois viajantes.

O viajante franco-monegasco Hercule Florence participou da Expedição Langsdorff, uma viagem feita no século XIX que partiu do rio Tietê e chegou até a Amazônia, capitaneada pelo barão Georg Heinrich von Langsdorff, médico alemão naturalizado russo, e patrocinada pelo Czar Alexandre I, por D. Pedro I e José Bonifácio. (Costa, 2014, p. 65).

Dessa expedição, que era científica e que também visava estreitar relações comerciais com a Rússia, resultaram vários documentos, dentre eles o manuscrito *L'Ami des Arts livré à lui-même*, escrito em francês pelo Hercule Florence, o segundo desenhista da caravana. Nesse documento há traços dos espaços e costumes da cidade de Cuiabá, possibilitando identificar e analisar o olhar do viajante sobre os indígenas que habitavam a região.

De outro lado, Claude Lévi-Strauss, um antropólogo, filósofo e sociólogo francês, do século XX, conhecido por ser o mentor da antropologia estruturalista, em meados da década de 1950. Viveu 100 anos e parte de sua vida dedicou-se a estudar o Brasil. O interesse pelo país surgiu quando, a partir de 1934, foi convidado a integrar a missão universitária francesa no Brasil como professor de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). (Descola, 2009, p. 159).

Também era um viajante, expedicionário, observador

e escritor, cujas experiências resultaram na obra conhecida como *Tristes Trópicos*, publicada em 1955. E, nessa obra, relata expedições pelo interior do Brasil, sendo uma feita por trem, de 1934 até 1936, de São Paulo até Mato Grosso do Sul e outra de Cuiabá até o norte de Mato Grosso, guiado pelas linhas Teleféricas de Cândido Rondon, nos anos de 1938 até 1939. (Lévi-Strauss, 1957, p. 263).

Essa segunda expedição é que será abordada e comparada com as experiências vividas por Hercule Florence em Mato Grosso.

Importa contextualizar que entre os séculos XVI e XIX o ser humano expandiu seus caminhos pelo mundo, em especial nos continentes americano, africano e asiático. Dessas incursões, em busca de domínio coloniais pelos impérios europeus, nasceram as narrativas dos viajantes, sendo muitas dedicadas as terras do Brasil. Muitos desses relatos foram compilados em livros e, por vezes, até traduzidos em outras línguas, conquistando um público que se interessava por descrições de paisagens, povos e costumes entendidos pela perspectiva europeia como exóticos.

Nomes como John Mawe, Luccock, Rugendas, Saint-Hilaire, Spix e Martius – viajantes, letrados e autoridades políticas, ao longo do século XIX, escreveram suas impressões sobre o Brasil. Havia por toda a Europa, nessa época, o desejo de conhecer o país “exótico” de dimensões territoriais continentais desconhecidas. (Lima, 2010, p. 23).

Assim, jovens viajantes lançaram-se em expedições rumo a terras longínquas e se propuseram a viver experiências, ainda que perigosas, inéditas e registrá-las por meio de pinturas, desenhos e escritas. Os interesses que condicionavam a escrita

dos viajantes eram os mais diversos possíveis, pois variavam de questões pessoais à institucionais, escrevendo conforme suas vivências, formação e interesses.

Os viajantes estrangeiros transitaram por parte do território brasileiro e produziram relatos que são valiosos para a produção histórica e literária contemporânea. Muitas das escritas de viagem, cuja natureza científica não era consenso para academia da época, foram editadas e bem recepcionadas pelo público letrado europeu.

Claude Lévi-Strauss, antes de vir ao Brasil, pensava ser um país sem importância, com a seguinte afirmação: “os países exóticos me apareciam como o contrário dos nossos, o termo de “antípodas” encontrava em meu pensamento um sentido mais rico e mais ingênuo que o seu conteúdo literal”. (Lévi-Strauss, 1957, p. 44).

No entanto, Lévi-Strauss percebeu a importância de ir ao lugar e vivenciar a cultura antes de escrever a respeito, tanto que fazia críticas as percepções de escritores, sociólogos e filósofos de gabinete, a exemplo de Celestine Bouglé. Esse acadêmico escreveu, segundo Lévi-Strauss, sobre São Paulo ser uma terra indígena sem ao menos ter visitado a cidade. De igual modo discorreu sobre as castas das Índias sem ao menos ter ido ao lugar. (Lévi-Strauss, 1957, p. 44).

Cabe ressaltar que durante um período foram, portanto, os viajantes os principais cronistas da vida brasileira, descrevendo em suas obras aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do país. Merece destaque, por exemplo, a relevância dos relatos de viajantes para a vasta obra do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre e do historiador paulista Sérgio Buarque

do Holanda, servido de subsídio para a formulação de suas interpretações sobre o Brasil nas intersecções entre espaço e tempo.

As tristes impressões

O viajante estrangeiro expedicionário em Mato Grosso precisava detalhar cada situação, episódio, espaço, formato físico, gosto, impressão etc., a fim de construir no imaginário daqueles a quem destinava seus relatos (império Russo, no caso de Hercule Florence, e o mundo europeu, no caso de Lévi-Strauss) a ideia mais próxima do que se encontraria no “pitoresco” e “desconhecido” interior do Brasil.

Ao relatar os eventos sobre o Brasil nas obras *Viagem Fluvial do Tietê à Amazônia- 1825 a 1829* e *L’Ami des Arts livré à lui-même*, Hercule Florence não se afastou de si mesmo, sua fala situa seu lugar social, ancorada em seu tempo histórico e cultural, com seus valores, ideias, significações e regimes de verdade. No seu relato é possível identificar algumas perspectivas próprias do viajante, cuja personalidade, assim como a de qualquer outro, era formada por múltiplos papéis sociais do mundo ilustrado francês a partir das experiências do pensamento iluminista.

Da mesma forma, Lévi-Strauss expôs suas impressões em *Tristes Trópicos* sobre a sociedade brasileira que visitaria na década de 1930. Desde o início demonstrou-se surpreso com a possível ideia de não haver mais indígenas no país, principalmente após o embaixador do Brasil em Paris tê-lo desacreditado:

Fiquei, pois, muito surpreendido quando, durante um almoço a que Víctor Margueritte me havia levado, ouvi, da boca do embaixador

do Brasil em Paris, a “nota” oficial: “índios? Ai! meu caro senhor, já desapareceram há muitos lustros! Oh! é uma página bem triste, bem vergonhosa, da história do meu país. Mas os colonos portugueses do século XVI eram homens ávidos e brutais. Como censurar-lhes ter participado da rudeza geral dos costumes? Eles agarravam os índios, amarravam-nos às bocas dos canhões e estraçalhavam-nos vivos, a tiros. Foi assim que os destruíram, até ao último. O senhor, como sociólogo, vai descobrir coisas apaixonantes no Brasil, mas deixe de pensar em índios, pois não mais encontrará nenhum [...]”. (Lévi-Strauss, 1957, p. 44).

Talvez essa conversa tenha instigado mais ainda o seu desejo de verificar *in loco* a existência de indígenas no Brasil.

A quantidade de grupos étnicos que habitavam a região do Mato Grosso foi reduzida e alguns até extintos, mas não a ponto de serem deixados de lado como sugeriu o embaixador do Brasil em Paris. Lévi-Strauss, contrariando a tese do colega diplomata, observou, escreveu e produziu uma reflexão crítica sobre as condições em que esses grupos se encontravam.

Dos grupos étnicos que habitavam Mato Grosso, os Bororo, antes do contato com o branco, eram os que ocupavam um largo território brasileiro que se estendia da divisa com a Bolívia (oeste) até o rio Araguaia (leste), do rio da Mortes (norte) até o rio Taquari (sul).

Os Bororo eram conhecidos, também, como Cuiabá, Coxiponés, Bororo-Ararivá, Coroados e Porrudos. Os Bororo Ocidentais, conhecidos como Bororo de Campanha e Cabaçal, viviam às margens leste do rio Paraguai e foram extintos ainda no século XIX, por conta de epidemias oriundas do contato com os brancos. Eles eram os que guiavam os bandeirantes pelo território e serviam de mão-de-obra para os donos de fazendas da região.

Considerados “bárbaros de vida errante” e “indomáveis”, de acordo com relatórios dos presidentes da província de Mato Grosso, esse povo vivia em guerra com os brancos, pois representava sempre ameaças constantes na condição de defensores ferrenhos dos seus territórios entre Mato Grosso e Goiás. Os capturados, geralmente as mulheres e crianças, eram distribuídos entre as famílias cuiabanas para se tornarem escravizados. (Dossie, 1987, p. 57).

Havia por Mato Grosso mais de 2000 mil pessoas indígenas Tupi do Ji-Paraná, no entanto, quando Lévi-Strauss visitou a região, em 1938, existiam apenas 150 e, desde 1987, já eram considerados extintos. (Dossie, 1987, p. 103).

Na região de Cuiabá podia-se encontrar os Bakairi, indígenas que vinham de aldeias que ocupavam duas reservas denominadas Santana (35.470,7443 ha) e Pakueran (61.405,4605 ha), situadas nos municípios de Nobres e Paranatinga, respectivamente. Havia nesse período cerca de 520 deles pelo Mato Grosso.

Portanto, a presença da população indígena, no século XIX, era maior na região de Mato Grosso durante a expedição de Hercule Florence do que quando Lévi-Strauss visitou a região um século depois. Isso porque desde as grandes navegações, os “chegantes” (europeus), ao entrarem em contato com os povos das terras desconhecidas (indígenas), tomados pelas suas cobiças e crenças, além de “acharem feio o que não lhes era espelho”, tentavam impor seus modos de governar e viver, retirando a condição natural em que aqueles grupos viviam por meio da cruz e da espada.

As opressões aos indígenas se mantiveram ao longo da história. Para ilustrar, em Mato Grosso, no século XIX, os Bororo

foram considerados obstáculos à expansão capitalista (pastoris, extrativistas e agrícolas), constantemente perseguidos pelos militares do Império brasileiro. As mulheres Bororo foram aprisionadas, na cidade de Cuiabá, e levadas até o local onde os grupos indígenas viviam para tentar uma pacificação, enquanto os filhos dessas mulheres eram mantidos reféns. Elas, sem uma alternativa, tiveram de convencer seu povo a deixar as armas e fazer alianças com os brancos. E para moralizar os costumes dos Bororo e torná-los instrumento do capitalismo foram chamados salesianos a fim de aplicar ditas “técnicas civilizatórias”. (Dossie, 1987, p. 58).

O diferente, desde o período moderno, não era bem-visto, o homem deveria distanciar-se da aparência e dos gestos animais, pois havia normas de composturas e boas maneiras para controlar impulsos naturais. Os indígenas tinham hábitos diferentes dos europeus, comiam carnes cruas, não vestiam roupas, tomavam banho em rios, amamentavam seus filhos, eram povos interpretados como “primitivos”, que de alguma forma, no pensamento etnocêntrico eurocentrado, lembravam animais.

Nos séculos XVII e XVIII, os negros foram rotulados como semianimais, porque se afirmava ter uma sexualidade bestial e viver em condições brutais e detestáveis para os “chegantes”. Os teólogos, por exemplo, questionavam se existia ou não alma nas mulheres, porque tinham partos iguais aos de animais. Eram comparadas a porcas e gansos por “procriarem” (termo animalesco atribuído às mulheres mães). O ato de amamentar, até o século XVIII, era degradante e deveria ser evitado ou transferido às amas-de-leite. Os pobres eram considerados os mais animais no século XVIII, explica Keith Thomas (1988, p. 26):

Ainda mais bestiais eram os pobres – ignorantes, sem religião, esqueléticos em suas condições de existência e, mais importante, não tendo os elementos que se supunha caracterizarem o ser humano: alfabetização, cálculo numérico, boas maneiras e apurado senso de tempo. Os intelectuais desde muito costumavam encarar as pessoas não letradas como sub-humanas.

Para os pensadores daquele século os pobres moravam em condições lastimáveis, trabalhavam parecendo cavalos. Eram tidos por rudes, brutos e animais. Os loucos e indígenas eram comparados a bichos selvagens possuídos, pensamento que se estenderam ao longo dos séculos.

A chegada dos viajantes e os habitantes cuiabanos

Na chegada, a cidade de Cuiabá parecia deserta aos olhos do viajante Hercule Florence. As primeiras edificações que viu foram um hangar, uma rampa e vinte a trinta cabanas de Guaná. Assim relatou: “Cependant, quand nous sommes débarqués, et que nous avons monté la rampe, nous sommes nous trouvons sur une place bordée de 20 ou 30 maisons, et de quelques cabanes de Guanás.”³ (Florence, 2017, p. 290).

Os relatos são extraídos de *Viagem Fluvial do Tietê à Amazônia- 1825 a 1829* e *L'Ami des Arts livré à lui-même*, de Florence, que, ao chegar à cidade de Cuiabá, registrou também a passagem pela igreja São Gonçalo e pelo quartel. O viajante, de longe, avistou um morro coroadado pela igreja Senhor dos Passos. Relatou que a rua por onde cavalgava era larga, bem pavimentada com pedras, e havia casas térreas cercadas de pés de tamarindos e de laranja.

³ *L'Ami des arts livré à lui-mêmé*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 290.

Figura 1. Vue de Cuyabá.



Fonte: Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará. (1825-1829).

Claude Lévi-Strauss, como narrado em *Tristes Trópicos*, chegou à Cuiabá navegando pelo rio São Lourenço, e por terra adentrou a cidade a fim de encontrar os povos Bororo. No percurso, assim como Hercule Florence, percebeu uma cidade de poucas edificações:

[...] uma rampa calçada, banhada pelo rio, e no alto da qual se adivinha a silhueta do velho arsenal. De lá, uma rua com 2 quilômetros de comprimento e ladeada de casas rústicas conduz até à praça da/ catedral, branca e rosa, que se ergue entre duas alas de palmeiras imperiais. À esquerda, o bispado; à direita, o palácio do govêrno, e, no canto da rua principal, o albergue — único naquela época — mantido por um gordo libanês. (Lévi-Strauss, 1957, p. 213).

Ambos os viajantes relataram a fundação de Cuiabá por perspectivas que se aproximam. Segundo a versão de Lévi-Strauss,

A fundação de Cuiabá data dos meados do século XVIII. Por volta de 1720, os bandeirantes chegavam pela primeira vez à região; a alguns quilômetros do sítio atual, estabeleceram um pequeno pòsto e colonos. O lugar era habitado pelos índios cuxipó, dos quais alguns concordaram em trabalhar na derrubada. Um dia, um colono — Miguel Sutil, o bem chamado — enviou alguns indígenas à procura de mel selvagem. Eles voltaram, na mesma tarde, com as mãos cheias de pepitas de ouro, colhidas na superfície. Sem esperar mais, Sutil e um companheiro chamado Barbudo seguiram os indígenas ao lugar da sua colheita: o ouro lá estava, por tôda a parte. Em um mês, juntaram 5 toneladas de pepitas. (Lévi-Strauss, 1957, p. 213).

A geografia e a riqueza de Cuiabá são retratadas por Lévi-Strauss, evidenciando a existência de muito ouro, pois mesmo depois da fundação da cidade ainda poderia ser encontrado facilmente, em forma de pepitas, quando hortas eram cultivadas e andava-se às margens dos córregos:

Não deve, pois, espantar que os campos que circundam Cuiabá pareçam, aqui e ali, um campo de batalha; colinas cobertas de capim e de capoeira atestam a antiga febre. Ainda hoje, acontece que um cuiabano encontre uma pepita, ao cultivar a sua horta. E, sob a forma de palhetas, o ouro está sempre presente. (Lévi-Strauss, 1957, p. 213).

O ouro, além de ser o objeto de diversão das crianças, também garantia a alimentação dos mendigos cuiabanos, pois eles trocavam o metal por carne ou arroz, conforme registrou Lévi-Strauss:

Em Cuiabá, os mendigos são mineradores: podem ser vistos trabalhando no leito do riacho que atravessa a cidade baixa. Um dia de esforços proporciona o suficiente para comer, e muitos

comerciantes ainda empregam a pequena balança que permite a troca de uma pitada de pó por carne ou arroz. Imediatamente depois de uma grande chuva, quando a água escorre pelas ravinas, as crianças se precipitam, cada uma munida de uma bolota de cêra virgem que mergulham na corrente, esperando que as miúdas parcelas brilhantes aí se venham a colar. Os cuiabanos, de resto, dizem que um filão passa sob a cidade, a muitos metros de profundidade; êle jaz, segundo se diz, sob a modesta agência do Banco do Brasil, mais rica dêsse tesouro do que das importâncias depositadas no seu cofre-forte fora de moda. (Lévi-Strauss, 1957, p. 214).

Outra história sobre a fundação da cidade encontramos no manuscrito *L'Ami des arts livré à lui-memê*, de Florence. O viajante escreve que uma expedição paulista, por volta de 1707, procurava ouro na região onde está localizada Cuiabá, mas não encontrava e, preste a desistir, um caçador, subindo o córrego da Prainha, perseguindo um cervo, nas proximidades do morro do Rosário, viu o ouro brilhar nos pés do animal fugitivo. Naquele local, então, foram encontrados grandes flocos de ouro e, ali, os expedicionários ficaram, conforme relato do viajante:

Des Paulistes, avides d'or, s'embarquaient à Porto Feliz [sic.], et pénétraient par les rivières, dans les déserts, n'emportant que des armes, de la poudre, du plomb, du sel et des hameçons. Une de leurs expéditions, étant arrivée en 1707, à l'emplacement où est maintenant la ville, et n'ayant pas trouvé de l'or, songeait déjà à continuer plus loin ses recherches vagabondes, lorsque quelques uns chasseurs ayant remonté le ribeirão da Prainha, qui était alors navigable, et poursuivant un cerf sur le monticule où est à présent l'église du Rozario, virent soudainement briller de l'or que les pieds de l'animal fugitif avaient mis à découvert. Ils trouvèrent de grosses paillettes

de ce métal, et toute l'expédition s'arrêta dans ce lieu.⁴ (Florence, 2017, p. 298).

Os primeiros cuiabanos que Hercule Florence encontrou foram os indígenas Guaná, habitando a margem do rio Cuiabá. Havia visto esses indígenas pela primeira vez no trajeto da Expedição Langsdorff, quando os viajantes da expedição estavam posando em Alburqueque. Os indígenas iam da aldeia, que se localizava às margens do rio Paraguai, para a cidade de Cuiabá, e com isso acabaram acompanhando os viajantes até a embarcadura do rio São Lourenço.

Claude Lévi-Strauss também observou a presença dos Guaná e os Terenos (que seriam últimos representantes dos Guaná) quando visitou a cidade de Miranda, e sobre eles registrou que falavam o dialeto Aruák, cultivavam a terra e pagavam um tributo de produtos agrícolas aos senhores do grupo étnico Mbayá-Guaikurú em troca de proteção, não deixando que os cavaleiros armados depredassem suas benfeitorias. Os Guaná eram indígenas que se vestiam, tinha habilidades com agricultura e eram encontrados em maior quantidade.

Tanto no relato de Hercule Florence quanto no de Lévi-Strauss há a informação de uma possível submissão interétnica, já que muitos dos Guaná serviam aos Guaicurus (Mbayá-Guaikurú), que eram os indígenas que dominavam um vasto território. Eram cavaleiros e guerreiros os quais se dividiam

4 Transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence - IHF. p. 298. Traduzimos: Os paulistas, sedentos pelo ouro, embarcaram em Porto Feliz [sic.], E embrenharam-se pelos rios, nos desertos, carregando apenas armas, pó, chumbo, sal e ganchos. Uma de suas expedições, chegando em 1707, no local onde a cidade está agora, e não tendo encontrado ouro, já estava pensando ter ido longe com suas buscas errantes, quando alguns caçadores subiram o ribeirão da Prainha, que era então navegável, e perseguindo um cervo no montículo onde é agora a igreja de Rozario, de repente viu ouro brilhante que os pés do animal fugitivo tinham exposto. Eles encontraram grande brilho deste metal, e toda a expedição parou neste lugar.

em classes parecidas com as dos brancos, isso porque existia: a nobreza formada pela casta dos indivíduos que já eram nobres por questões hereditárias ou endogâmicas, depois, em um nível hierárquico menor, a casta dos guerreiros que passavam pela iniciação e, por último, a plebe formada pelos servos Guaná e escravos Chamacocos. (Lévi-Strauss, 1957, p. 188).

Escreve o antropólogo, em *Tristes Trópicos*, que os Guaná do Paraguai e os Bororo do Mato Grosso central também se organizavam de forma hierarquizada parecidas com a dos Guaicurus e pautada em hereditariedade, dividiam-se em três classes sendo proibido a membros de classes diferentes casarem-se entre si. (Lévi-Strauss, 1957, p. 205).

A imagem que Florence construiu sobre os índios Guaná estava relacionada aos chineses. Para o desenhista-viajante, os traços, as vestimentas, a língua e os modos dos índios cuiabanos eram os mesmos dos orientais. Esses indígenas vestiam-se com panos grossos, uns amarrados à cintura, outros como blusões que desciam dos ombros aos quadris. Alguns usavam o Panão por dentro dos calções, deixavam o cabelo crescer e amarravam com uma extensa calda, usavam chapéu de junco de abas largas. As mulheres, segundo o viajante, eram morenas mais claras.

Florence explica que os Panões eram fabricados pelos próprios Guaná. Para criá-los, as mulheres usavam moldes quadrados e trançavam fios de algodões coloridos; essa técnica era a mesma utilizada por outras mulheres cuiabanas na confecção das redes locais.

Figura 2. Indiens Guanás, Cuiabá, 1827.



Fonte: Instituto Hercule Florence – IHF.

Outra percepção do viajante era a de que as vestimentas das mulheres Guaná lembrariam as da Albânia, vistas pelo poeta Lord Byron, percebe-se aqui um traço europeu e da influência da literatura inglesa no discurso do viajante.

O viajante pensa exceder-se quando fala das vestimentas das mulheres selvagens, cujas decorações tornavam os movimentos graciosos: “Je ne pense pas exagérer en parlant de la grâce de ces deux femmes sauvages: c’est dans les statuaire draperies que la statuaire emprunte un de ses plus beaux ornements; elle leur doit même de belles attitudes et de gracieux mouvements.”⁵ (Florence, 2017, p. 278).

Por outro lado, para Florence, era apenas as vestimentas que despertavam beleza nessas Guaná, conforme o relato: “C’est sous ce rapport que je trouve de la grâce chez ces femmes Guanás:

⁵ *L’Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 278. Traduzimos: *Eu não penso exagerar quando falo da graça dessas mulheres selvagens: é do modo de vestir que a estatuária retira um de seus mais nobres ornamentos, que lhe inspiram encantadoras posturas e movimentos realmente graciosos.*

je les aurai tout au plus observées en artiste.”⁶ (Florence, 2017, p. 278).

Florence escreve, em seu diário de viagem, que os Guaná eram grupos que falavam lentamente, conviviam, em Cuiabá, entre os brancos, cultivavam plantas como a cana de açúcar, vendiam seus Panões para o branco que comprava e usava como cobertura de barracas, participavam da milícia cuiabana, exerciam atividades de tripulação de canoas, lavoura, descarregamento de navios, dentre outros.

Outros povos indígenas, como Guatós e Guaicurus, eram mencionados pelo viajante durante todo o trajeto da Expedição Langsdorff, no entanto, no relato de Florence está explícito apenas que os Guaná moravam nas proximidades de Cuiabá.

Na percepção do viajante, os Guatós eram indígenas de pele mais escurecida, falavam rápido e monossilabicamente, habitavam às margens dos rios Paraguai e São Lourenço, viviam da caça e da pesca, as mulheres auxiliavam seus maridos a governar as embarcações e a cuidar das crianças. Os homens eram ciumentos de suas mulheres e amavam os filhos. Os Guaicurus agiam de forma belicosa e habitavam rio Paraguai adentro.

De todos, Florence se afeiçoava com o comportamento dos Guatós e chegou a compará-los aos modos dos Guaná: “Les Guanás se sont mis sous la protection des Brésiliens, pour se soustraire à la servitude. Les Guatós se font respecter par leur bravoure et leur fierté.”⁷ (Florence, 2017, p. 268).

Por outro lado, Lévi-Strauss quando chega ao Mato

6 *L'Ami des arts livré à lui-memê*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence-IHF. p. 278. Traduzimos: *Apenas quanto a isso, vejo graça nessas guanás: eu as vi como artista.*

7 *L'Ami des arts livré à lui-memê*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 268. Traduzimos: *Os guanás, para fugirem da escravidão, aceitam a proteção dos brancos. Os guatós impõem respeito, por sua altivez e bravura.*

Grosso já encontra os últimos sobreviventes dos Guaicurus, que eram os Caduveo (ou Kadiwéu, os únicos remanescentes indígenas das populações Guarani e Mbayá-Guaikurú). Eram indígenas cavaleiros que habitavam o Mato Grosso do Sul, Goiás e o Paraguai, na região do Chaco. (Lévi-Strauss, 1957, p. 172). Lévi-Strauss nota a identificação dos indígenas com os caboclos em alguns locais, conforme a descrição a seguir:

A um olhar desatento, êsses lugarejos mal diferiam dos povoados caboclos mais próximos, aos quais os indígenas se identificavam pela roupa e muitas vezes pelo tipo físico, tão grande a proporção de mestiços. Quanto à língua, era outra coisa: a fonética guaicuru produz ao ouvido uma sensação engraçada: uma dicção precipitada e palavras longas, feitas inteiramente de vogais claras alternando com dentais, guturais e uma abundância de fonemas molhados ou líquidos, dão a impressão de um riacho pulando sobre os seixos. (Lévi-Strauss, 1957, p. 179).

Da mesma forma, Hercule Florence notou a aproximação de povoados distintos em Cuiabá, retratando um caburé, pessoa mestiça descendente de índio e negro, que seria o cafuzo. Sobre esse tipo escreveu o viajante: “Beaucoup de ces noirs ou cabourés (mélange de noirs et indiens), vont nus jusqu’à la ceinture, hommes et femmes. Le climat les absout, comme aussi leur isolement, absout leur paresse.”⁸ (Florence, 2017, p. 258).

No desenho abaixo é possível evidenciar os traços do cuiabano, o cabouré, a partir da perspectiva do Florence:

8 *L'Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 258. Traduzimos: *Muitos desses negros ou Cabourés (uma mistura de negros e índios),vão para a cintura, homens e mulheres. O clima os absolve, como também o isolamento, justifica sua preguiça.*

Figura 3. Cabouré, Cuiabá, 1827.



Fonte: Instituto Hercule Florence – IHF.

Também circulavam pela região as indígenas Guatós, que auxiliavam seus maridos a governar as embarcações e a cuidar das crianças. Diferentemente dos Guaná, os homens Guatós não gostavam de trocar suas mulheres, além de que viviam com mais de uma. As mulheres Guatós, citadas por Hercule, apareciam como propriedades dos maridos aos quais cabia a decisão de trocá-las ou não:

Dizem que os guatós vivem com mais de uma mulher; a maior parte dos que vi levavam uma única. Lembro-me, porém, que numa ocasião troquei algumas palavras com um deles que tinha na sua canoa três mulheres. Perguntei-lhe se todas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e ele retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido comigo a minha. Repliquei-lhe que não fora isso possível. “Pois bem”, disse-me ele, “se

you had here your wife, I would trade for one of these. (Florence, 2007, p. 105).

Nos relatos do viajante, as mulheres Guaná chamavam a atenção pelos traços afilados, corpo bem-feito, lábios grossos e dentes brancos. Ao que parece, não eram as indígenas de Cuiabá que incomodavam Florence – as quais parecia admirar pela beleza física, por ajudarem os maridos, por cuidarem dos filhos e por trabalharem no campo – mas sim aquelas mulheres de todas as classes que se sujeitavam às intrigas românticas.

O viajante explica que muitos sacerdotes tinham esposas e filhos, muitos homens cuiabanos possuíam concubinas, o que seria uma corrupção geral. Parecia sentir-se incomodado com o grande número de mulheres públicas em Cuiabá.

Sobre os habitantes da região, Lévi-Strauss notou que a casta nobre dos Guaicurús (Mbayá-Guaikurú) era diferenciada por pinturas corporais, andava pela cidade em bando com escravo e clientes, era arrogante e não se unia às mulheres brancas para não misturar o sangue. As mulheres Mbayá, segundo o antropólogo, recusavam-se a encontrar “com a esposa do vice-rei pela razão de que somente a rainha de Portugal seria digna do seu comércio”. (Lévi-Strauss, 1957, p. 190), ou seja, era um grupo que não se submetia a quaisquer situações.

No tocante às relações dos indígenas que circulavam por Cuiabá e região, Lévi-Strauss observou que eram monogâmicos, no entanto, havia situações de infidelidades:

Nossos índios eram monógamos; mas as adolescentes preferiam às vezes seguir os guerreiros nas suas aventuras; elas lhes serviam de escudeiros, de pagens e de amantes. Quanto às senhoras nobres, mantinham

chiehisbéus, que, frequentemente, eram também seus amantes sem que os maridos se dignassem manifestar um ciúme que lhes faria perder a dignidade. Essa sociedade se mostrava muito avessa aos sentimentos que consideramos naturais; assim, experimentava uma viva repugnância pela procriação. O aborto e o infanticídio eram praticados de maneira quase normal, a tal ponto que a perpetuação do grupo se efetuava por adoção mais do que por geração, um dos principais objetivos das expedições guerreiras sendo o de obter crianças. Assim, calculava-se, no início do século XIX, que 10% apenas dos membros de um grupo guaicuru lhe pertencessem pelo sangue. (Florence, 2017, p. 278).

Nota-se nesse trecho a aversão à infidelidade por Lévi-Strauss, ele deixa explícito que não se tratava de um sentimento natural, mas uma situação desgostosa que contribuía para o enfraquecimento da linhagem dos indígenas.

Essas situações não passaram despercebidas pelo olhar do viajante Florence, que ao escrever sobre os costumes dos cuiabanos, entendeu não destoar daqueles de todos os brasileiros, ou seja, o cuiabano era um povo dado a licenças e à luxúria em seus modos, sendo uma das razões para tal conduta, supõe o viajante, a influência de “um climat ardent”.

O modo de agir do cuiabano do século XIX, com desrespeito às regras morais, na percepção do viajante Hercule, também, estaria relacionado, de forma geral, a uma Cuiabá isolada no meio de sertão, cuja religião estava enfraquecida pela distância dos outros centros, um povo que se contentava com a facilidade de ter pouco trabalho e era vizinho de selvagens. Para Florence, o cuiabano era um povo que disfarçava a civilização e que precisava ser alimentado por normas morais.

A vida mais calma de Cuiabá foi percebida por Lévi-

Strauss, que chamou de “estilo de vida lento e cerimonioso”, uma vez que a cidade simplesmente parava para a sesta, que acontecia do meio-dia às quatro horas. Lévi-Strauss fez críticas ao governador, que, em tese, não estaria satisfeito pela presença de um etnólogo já que a figura do indígena era relacionada ao atraso político na região:

De sua glória antiga, Cuiabá conserva um estilo de vida lento e cerimonioso. Para o estranho, o primeiro dia se passa em idas e vindas na praça que separa o albergue do palácio do governo; entrega dum cartão de visita na chegada; uma hora mais tarde, o ajudante de ordens, policial bigodudo, paga a gentileza; depois da sesta, que imobiliza a cidade inteira numa morte cotidiana, do meio-dia às 4 horas, apresentam-se as homenagens ao governador (então “interventor”) que reserva ao etnógrafo uma acolhida cortês e entediada; índios, êle preferiria certamente que não existissem; que são, para êle, senão a lembrança irritante de sua desgraça política, o testemunho de seu afastamento numa circunscrição atrasada? (Lévi-Strauss, 1957, p. 214).

Para Florence, o brasileiro desfruta da imagem de povo hospitaleiro, conforme se verifica a seguir: “ L’hospitalité est une vertu générale au Brésil, qui commence à diminuer dans les principales villes, parce qu’il s’y forme des hôtelleries, mais qui se conserve pure dans les campagnes.”⁹

Na visão do viajante, as hospitalidades eram mais fortes e puras nos campos do que nas grandes cidades. Sobre os habitantes de Cuiabá e redondezas, Florence afirma ter sido bem acolhido. Em relação ao bom acolhimento pelo Presidente da Província

9 *L’Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 199 Traduzimos: *A hospitalidade é uma virtude geral no Brasil, que está começando a diminuir nas principais cidades, porque há alojamentos formados, mas que são mantidos puros no campo.*

José Saturnino da Costa Pereira, registra: “Le Président, Mr. Jozé Saturnino da Costa Pereira, exerce envers nous la plus exquise hospitalité, pendant 10 jours que nous restons chez lui [...]”.¹⁰ (Florence, 2017, p. 291).

Considerações finais

O interesse pelo “diferente” de qualquer realidade sociocultural e o fato de os viajantes serem sujeitos das próprias formações culturais no exterior, inseridos no meio brasileiro, enriquecem registros de viagens. O viajante se apresenta enquanto explorador do desconhecido, sujeitos estranhos ao meio que interpreta sempre atentos a detalhes que eram menos perceptíveis aos moradores do território brasileiro.

Assim, os relatos dos viajantes estrangeiros possuem a vantagem de, entre outras coisas, poder abordar aspectos que passam de maneira involuntária ou, até mesmo, se fazem ausentes em outros tipos de fontes. Quanto à percepção dos espaços visitados, os viajantes deixaram em suas escritas as impressões a partir da sua cultura, por mais que tivessem informações anteriores sobre tais lugares.

Ao aproximar as percepções de Hercule Florence e Lévi-Strauss sobre o Mato Grosso foi possível observar que ambos trazem versões sobre a fundação da cidade de Cuiabá bem similares, contudo, a contada por Florence parece ser mais fantasiosa.

Florence e Lévi-Strauss também chegaram à Cuiabá

10 *L'Ami des arts livré à lui-memê*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 291. Traduzimos: *O presidente, o Senhor José Saturnino da Costa Pereira, nos exerce a hospitalidade mais requintada, durante 10 dias em que ficamos em sua casa.*

tomados pelo sentimento de escassez e nostalgia, com um discurso de vazio, de sertão, de solidão, e aos poucos foi preenchendo a cidade com os panões dos Guanás, a irresignação dos Guaicurus, a admiração pelas mulheres indígenas, a aversão ao concubinato em que viviam os sacerdotes, os desgostos das mulheres públicas e as críticas aos governantes.

A impressão que os viajantes tiveram dos Guaná, mesmo depois de um século, foi a de que mantiveram as características de servidão aos Guaicurus, de adaptação aos brancos e cultivo da terra, o que garantiu a existência do grupo por mais tempo e circulação pela cidade de Cuiabá.

A diversidade dos cuiabanos foi marcada pela presença dos povos mestiços, que se identificavam muitas vezes pela roupa ou pelo porte físico, geralmente, pessoa a mestiça era descendente de índio e negro.

Quanto aos Guaicurus ambos os viajantes apenas reafirmaram as características de serem grupos dominadores e guerreiros e assim se mantiveram mesmo um século depois.

As intrigas na região foram evidenciadas pelos viajantes, Hercule revelando a poligamia dos Guatós, enquanto Lévi-Strauss apontou as infidelidades, abortos e infanticídios entre os Guaicurus.

Nesse ensaio observou-se, nas percepções dos viajantes, diversos sentidos e leituras de mundo, ora o do viajante europeu civilizador, ora o do cientista observador, ora o do homem cheio de sensibilidades. O discurso e o sujeito se confundiram para evidenciar o movimento, a intriga e o diferente da vida em Mato Grosso, sempre na perspectiva de um lugar social de enunciação.

A partir das múltiplas possibilidades de análise dos

sentidos expressos no interior da formação discursiva do viajante, pensamos ter contribuído para compreender as formas de decifração da identidade dos cuiabanos.

Documentos

Hercule Florence, *L'ami des arts livré à lui-même ou Recherches et découvertes sur différents sujets nouveaux*, São Paulo, Instituto Hercule Florence (IHF), 2017, 424 páginas numeradas por Thierry Thomas e publicado em dois volumes acompanhados de comentários da edição.

Annaes do Senado da Camara do Cuyabá 1719-1830. Transcrição e organização de Yumiko Takamoto Suzuki. Cuiabá: Entrelinhas; Arquivo Público de Mato Grosso, 2007.

Referências Bibliográficas

COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. *Bastidores da Expedição Langsdorff*. Cuiabá: Entrelinhas, 2014.

COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. *Viajando nos Bastidores: Documentos de Viagem da Expedição Langsdorff*. Cuiabá: Edições UFMT, 1995.

DESCOLA, Philippe. *Claude Lévi-Strauss, uma apresentação*. Estudos Avançados. São Paulo, v. 23, n. 67, p. 148-160, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10386>. Acesso em: 25 fev. 2024.

DÔSSIE, INDIOS EM MATO GROSSO. Cuiabá, OPAN/CIMI, 1987.

DESCOLA, Philippe. *Claude Lévi-Strauss, uma apresentação*. Estudos Avançados. São Paulo, v. 23, n. 67, p. 148-160, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10386>. Acesso em: 25 fev. 2024.

DÔSSIE, INDIOS EM MATO GROSSO. Cuiabá, OPAN/CIMI, 1987.

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará*.

(1825-1829). São Paulo: MASP / Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1977.

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829, Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829*. Brasília: Senado Federal, 2007.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Ed. Anhembi, 1957.

LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Franca, 2010.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação as plantas e animais 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.